

International Movement ‘We Are Church’ (IMWAC) ***Movimento Internazionale ‘Noi siamo Chiesa’ (IMWAC)***

European Network Church ‘On The Move’ (EN/RE) ***Rete Europea ‘Chiesa per la Riforma’ (EN/RE)***

Rome, 9 Ottobre 2012

"Testemunhas de uma igreja renovada para os tempos futuros"

Por ocasião do 50º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II, o Movimento Internacional Nós Somos Igreja (IMWAC) e a Rede Europeia “Igreja em Liberdade” (EN/RE) são testemunhas e, ao mesmo tempo, esperam uma Igreja mais livre e humana, construída sobre comunidades de cristãos profundamente comprometidos com os ministérios na Igreja e com a Justiça no mundo.

1. O Concílio Vaticano II trouxe consigo uma profunda renovação da Igreja Católica, tanto em sua própria estrutura como na relação da Igreja com o mundo.

A transformação da liturgia foi um dos frutos centrais e mais visíveis do Concílio, especialmente pelo uso das línguas vernáculas e por colocar na base da celebração a comunidade local. As constituições “Lumen Gentium” e “Gaudium et Spes” contêm definições da Igreja (agora vista como o Povo de Deus) e do valor do mundo secular e de como podemos ser cristãos nele.

2. A encíclica “Pacem in Terris”, escrita por João XXIII durante o Concílio e, de fato, quando já estava perto de morrer, deve ser considerada parte do conjunto da experiência conciliar. Outras questões muito importantes foram propostas com novas perspectivas: o ecumenismo, o diálogo interreligioso, a liberdade de crenças e de consciência.

Esses dois documentos geraram especialmente o movimento progressista que existe na Igreja hoje, e abriram as portas ao diálogo com o Magistério sobre todos os aspectos que fazem parte da vida dos católicos.

3. Durante os últimos cinquenta anos, desenvolveu-se uma tensão sobre a interpretação adequada do Concílio e sua aplicação às questões de cada momento.

Tal tensão já se acha presente nos mesmos documentos conciliares: para uns, o Concílio pedia mudança significativa; para outros, a continuidade era importante.

4. Na realidade, mudança e continuidade não se excluem mutuamente. Durante o Concílio, foi firmado o chamado Pacto das Catacumbas por quarenta bispos, sob a liderança do Bispo Helder Camara (Brasil) e do Cardeal Lercaro (Bolonha) na Catacumba de Santa Domitila, em Roma, no qual se pedia uma Igreja centrada no serviço e nos pobres. Essas idéias se desenvolveram mais tarde sobretudo na América Latina como opção pelos pobres.

5. Como a Igreja oficial se vei a tornar mais resistente ao espírito do Vaticano II, muitos católicos encontraram uma maneira de trabalhar dentro da Igreja, sendo fiéis à mudança que eles julgavam ser o que o Vaticano II pretendia: uma Igreja colegial e democrática; pluralismo e diálogo interno na Igreja; igualdade de gênero e aceitação da diversidade de orientação sexual; a ordenação de mulheres e de pessoas casadas para o serviço do Povo de Deus e não para reforçar um novo clericalismo; a separação estado/religião, de modo a permitir uma recíproca autonomia e, ao mesmo tempo, um forte compromisso dos fiéis em favor da justiça e da paz. As mudanças promovidas por esse movimento progressista tinham fincadas suas raízes no próprio Concílio, na realidade no Evangelho e na melhor tradição da Igreja, bem como nas necessidades pastorais do Povo de Deus.

6. Daí brotou uma multiplicidade de iniciativas pastorais: as Comunidades de base; a celebração eucarística na ausência de padre; decisões tomadas em consciência sobre o controle da natalidade e a moral sexual; o apoio e também a crítica ao Vaticano e ao episcopado; a reclamação de justiça para as vítimas de abusos sexuais por parte de sacerdotes, punição para os pedófilos e para os que os acobertam.

7. Tanto no mundo laical em geral como na Igreja do Vaticano II, as pessoas têm direito à liberdade de expressão. **Eis por que grupos de padres e de leigos têm-se organizado para expressar sua experiência do que significa ser católico, atualmente.** A liberdade de expressão apóia-se na crença de que, se todos são escutados, maior é a possibilidade de se atender à voz do Espírito e escutar o eco do Evangelho. Silenciar peremptoriamente e, ao que parece, de forma arbitrária, as vozes de teólogos, teólogas, de religiosas e de pessoas responsáveis em geral corresponde a extinguir o sopro de vida na própria Igreja.

8. É assim que, quando **na Áustria se proclama a *Pfarrer Initiative*, ou na América Latina se desenvolve a Teologia da Libertação** ou quando **vemos as religiosas dos Estados Unidos** que falam com liberdade, a partir de sua experiência, e não apenas seguindo o que diz a doutrina oficial, ou vemos que o **Concílio Católico Americano que escreve uma Carta de Direitos e Responsabilidades, e na Ásia e na África se fala da necessidade de se definir a Deus e a Jesus, de um outro modo,** a primeira reação deve ser a de escutar, e a segunda, a de dialogar. Somente católicos interessados e comprometidos serão capazes de desenvolver tais iniciativas. Nossa resposta deve ser, antes, de gratidão do que de recusa; de esclarecimento antes que de censura; de discernimento, em todos os casos, não de ensurdecimento.

9. O Movimento Internacional Nós Somos Igreja (IMWAC), formado por grupos progressistas de diversos países em todo o mundo, e a Rede Européia Igreja em Liberdade, denunciam a perseguição contra nossos amigos e amigas, por respeitosa e levantarem questões partilhadas por milhões de católicos. **Damos as boas-vindas a esta primavera emergente, um amanhecer que nos desperta, a partir do interior da Igreja, e esperamos a vida e a luz que trazem consigo.** Quando ousamos a dissensão e a “desobediência civil”, não o fazemos por autocomplacência, mas por estarmos profundamente inquietos.

10. Eatamos em 2012, e ainda clérigos e laicos se acham definidos em termos de prevalência hierárquica mais do que enquanto companheiros, membros, irmãos e irmãs. No Evangelho, não há

qualquer justificação para isto. **Na verdade, São Paulo nos lembra que só pode haver Corpo de Cristo, na diversidade de membros, todos sendo necessários.**

11. A Igreja institucional desenvolveu uma estrutura não democrática que mais se parece com o Império Romano do que com o Reino de Deus. É triste observar que o mundo em geral viu com mais clareza a necessidade da democracia e a igualdade que a Igreja se constrói a partir da mensagem de Jesus. No mundo laico, as decisões não democráticas não têm credibilidade, e são, na realidade, muito mais instáveis. **A democracia não é contrária à natureza da Igreja, pois o Espírito foi dado a todos,** e posto que a democracia não é uma voz majoritária sem restrições, sem diálogo respeitoso.

12. Em todas as democracias há distintos níveis de responsabilidade e o **respeito aos direitos humanos e a todas as minorias constitui um DNA de uma verdadeira democracia e em particular assim deve ser para todo cristianismo.**

13. Tudo isto é bem diferente do absolutismo monárquico. Numa verdadeira Igreja colegiada, a consciência não é menos sagrada do que o Magistério. A monarquia entra em conflito tanto com a tradição do Evangelho da Igreja quanto com as exigências pastorais do tempo presente. João XXIII lembrou-nos que nada há a temer do mundo laico e que não temos o direito de converter-nos em profetas de calamidades. A monarquia não tem direito por princípio ou intrínseco dentro da Igreja. A colegialidade tem autoridade bíblica, conciliar e pastoral na Igreja. **IMWAC e a Rede Européia Igreja pela Liberdade insistem em que a Igreja deve ser plural e inclusiva em suas estruturas e em suas políticas internas, e também em suas relações com o mundo.**

14. Dirigimos algumas palavras aos nossos irmãos bispos que vão participar do Sínodo em Roma (7 a 28 de Outubro), para que considerem o diálogo com católicos que realmente desejam sentir-se parte da Igreja, ainda quando diferem em algumas questões. Isto é conforme, não apenas ao Vaticano II e ao Direito Canônico, mas ao Espírito e ao Evangelho. IMWAC e a Rede Européia “Igreja em Liberdade” reuniram-se em Roma, em Dezembro de 2015, para celebrar o quinquagésimo aniversário do Vaticano II e para dar testemunho da vida que deu à Igreja, e de que a luz que nos oferece nos guia rumo ao futuro. Nossa intenção não é a divisão ou o desacordo, mas a paz na Igreja. “Vejam como se amam uns aos outros” foi sempre visto como o maior sinal de que somos uma comunidade de Cristo. Se perdermos isto, todos os demais sinais que imaginemos serão equivocados. **Sem amor, perecemos; perdemos a Jesus Cristo; e nos distanciamos de Deus. Nenhum de nós quer que isto aconteça.**

Trad.: Alder Júlio Ferreira Calado

Revisão: Pedro Freitas